

Entrevista com o professor José Bueno Conti*

Geosul- Gostaríamos de começar perguntando um pouco sobre sua história, infância, e como a vida leva o senhor até a geografia.

Prof. Conti- Sou nascido em 1937, na cidade de Atibaia, São Paulo, na região colinosa da pré- Mantiqueira. Logo no início da minha escolaridade eu me interessava muito por observar o entorno, o meio onde a cidade estava instalada, uma região de “mar de morros” e dali seguindo para Minas Gerais, até a Mantiqueira propriamente dita. Eu gostava muito de observar como é que a natureza se organizava, com os meus olhos de criança, como os cursos d'água, os vales e as colinas. E ali passa um rio que eu considerava importante, o rio Atibaia, que ia desembocar mais adiante no rio Piracicaba, e depois no rio Tietê. E o rio Atibaia tinha uma importância grande na vida da cidade porque a coleta de esgotos era lá, e também porque tinha o problema das cheias anuais. Eu observava também que todo o ano na mesma época o rio inundava os bairros do entorno e a população da cidade ia até lá para ver. Isso nos anos 40. Então isso era uma espécie de passeio; as famílias iam lá para apreciar a inundação. Quando era criança, e eu tenho um irmão gêmeo, com os nossos pais a gente ia lá para ver as casas cobertas de água; e quanto mais as habitações estivessem submersas, mais a gente ficava feliz. Quando a água só chegava na entrada, a gente ficava desapontado. A gente não tinha a noção do drama social que isto representava, por mais que os adultos falassem; a criança queria era ver o espetáculo. Mas isso me levava a refletir sobre a questão da natureza. Talvez, por isso,

* Entrevista realizada em julho de 2002, em João Pessoa, durante o XIII ENG, com a participação dos professores Maria Dolores Buss, Luís Fernando Scheibe e Sandra M. A . Furtado. Transcrição e adaptação para edição por Sandra Furtado. Texto revisado e autorizado pelo entrevistado (zeconti@usp.br).

eu iria me dedicar, mais tarde, à geografia física, se bem que é uma geografia física no sentido amplo, que não exclui, de maneira nenhuma, o homem. Não só a paisagem me atraía mas também a questão da sazonalidade: havia o período mais frio, as geadas aconteciam que ali ocorrem, e a gente gostava de ver aquela película branca, que hoje não se vê mais quase, porque é região transformou-se no sentido da urbanização. Eu observava esta sazonalidade, este ritmo, e tudo isso me entusiasmava muito. Eu tenho até hoje guardados os cadernos da escola primária em que a professora pedia para fazer, o que ela chamava de sentenças livres. E eu quase sempre escrevia: “eu fui passear na margem do rio Atibaia...” apresentando um relato da excursão que havia feito. E também tinha a questão da proximidade com São Paulo, a apenas 60 km: quando anoitecia, via-se no horizonte uma claridade; embora nesta época São Paulo tivesse apenas dois milhões de habitantes, e nem sei se chegava a isso. Mas era o suficiente para projetar um clarão no céu. E a gente ficava se perguntando o que era. Meu pai explicava: aquilo é a iluminação da cidade de São Paulo. E como as estradas iam naquela direção, começava a entender a organização do espaço e o papel polarizador da cidade grande. O problema da orientação já me despertava o interesse. Através da posição dos braços em relação ao nascer do sol como a professora ensinara concluí que São Paulo ficava ao sul. Conteí à professora e fiquei muito entusiasmado porque ela disse que eu tinha acertado. Mais tarde, quando eu já estava terminando a escola primária, a professora trouxe uma bússola, eu fiquei absolutamente empolgado. Nunca tinha visto! Aquela bússola me fez sonhar com lugares distantes. Desde essa época tinha interesse, pelo que se chama hoje, de instrumentos de estudo da geografia. Gostava muito de consultar atlas, álbuns de fotografias de países estrangeiros. Só havia escola primária em Atibaia, a cidade, na época, tinha apenas 8.000 habitantes. Quando eu estava no primário, não havia ginásio lá em Atibaia pois a cidade, na época, tinha apenas 8.000 habitantes. Quando cheguei na quarta série primária, entrou em funcionamento o ginásio e meus pais ficaram

muito contentes, porque não precisavam mandar os filhos para o colégio interno. E a professora de geografia, que era formada pelo USP, tinha um preparo muito bom, e dava aulas de campo. No colegial levava a gente numa serra, que tem ao lado da cidade - a cidade está a 800 metros do nível do mar, e esta serra é uma intrusão granítico-gnáissica que chega aos 1.400 metros, e está a cinco ou seis km da área urbana. A professora nos levava até lá, de onde se avistava tudo, inclusive os primeiros subúrbios da zona norte da cidade de São Paulo, em dia claro. E também as cidades vizinhas, eram uma coisa estupenda ver aquela geografia toda, ao vivo. Ela mostrava as zonas de agricultura, de criação, ou seja, o uso do solo a organização do espaço no seu sentido lato.

Geosul- O senhor lembra o nome desta professora?

Prof.Conti- Sim, ela se chamava Bertha Galender, e há o retrato dela num dos Quadros de Formatura da Faculdade de Filosofia da USP, parece que do ano de 1944, o que significa que ela fora aluna dos professores franceses. Terminando o curso na Universidade foi dar aulas no ensino público estadual que, nessa época, era de muito boa qualidade. Havia outros professores muito bons mas eu sempre tive mais atração pelas aulas de geografia. Pelos livros e outras informações, fiquei sabendo como era o resto do mundo. Estávamos no final da Segunda Guerra Mundial (1945) e, da minha cidade haviam partido 11 jovens para a Força Expedicionária Brasileira participar das batalhas, na Itália. Isso era um motivo de muita ansiedade para a população e a preocupação chegava até minha casa, porque havia um primo entre eles. Meu pai levava os filhos para ouvir o noticiário no rádio e nos mostrava o globo dizendo que a guerra se passava na Itália.

Geosul- Conti, é italiano de que região?

Prof.Conti- Meu avô era italiano, eu não o conheci pois já tinha falecido quando nasci mas a guerra era na sua província natal, na Toscana, na região de Pistoia e Castelnuovo.

Geosul- Então foi o seu avô que migrou para o Brasil?

Prof.Conti- Ele veio da Itália diretamente para Atibaia, em 1887. Ele desembarcou no porto do Rio de Janeiro, e veio diretamente para Atibaia, para a casa de uma família de italianos que tinha mantido correspondência com ele. Já havia completado 30 anos de idade e tinha o ofício de alfaiate, como consta de seus documentos. Ao chegar, essa família deu apoio e ofereceu espaço para ele montar o primeiro “atelier”. Depois ficou autônomo, constituiu família, teve seis filhos, e o mais velho vem a ser o meu pai. Minha avó era brasileira. Morreu lá com quase 70 anos, sempre com esta mesma vida modesta. Ainda tenho os papéis que ele anotava as medidas dos fregueses, com o nome das pessoas importantes da cidade, os fazendeiros ricos. Há um detalhe interessante: como a minha avó era brasileira e impôs a nossa cultura na família. Ninguém aprendeu o italiano, só um dos meus tios, depois de adulto, por iniciativa própria.

Geosul- E o seu pai trabalhou com o quê?

Prof.Conti- Meu pai cursou só escola primária, não havia outra na cidade. Nem ele, nem seus irmãos prosseguiram os estudos e meu avô pretendeu ensinar o ofício de alfaiate aos filhos mas nenhum deles quis aprender e meu pai foi ser funcionário público. Trabalhava na Caixa Econômica Estadual, e, como tinha bom desempenho, acabou se aposentando como gerente. Minha mãe era professora primária e, por isso, parte dos meus estudos foi feito na escola e parte em casa pois foi ela que nos ensinou a ler, a mim e a meu irmão. Depois, fomos para o Grupo Escolar, para o Ginásio, com já relatei e, posteriormente para a Faculdade. Meu irmão queria ser médico e foi para a Faculdade de Medicina de Sorocaba e eu, que projetava ser professor de Geografia, para a, então, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Tinha um tio que era do Departamento de Letras da Faculdade, Prof. Francisco da Silveira Bueno, era catedrático e autor de vários livros e de uma gramática muito conhecida, na época. Ficou desapontado quando comuniquei para a família que iria fazer geografia e creio que meu

pai também porque naquela época esperava-se que os filhos seguissem uma das três carreiras de maior prestígio, medicina, engenharia ou direito. Mas ele respeitava religiosamente a opção dos filhos e não fez nenhuma objeção. E, assim, em 1955, com 18 anos, entrei para a Faculdade de Filosofia.

Geosul- E quem eram os professores de geografia desta época?

Prof.Conti- Nesta época atuava a primeira geração de professores brasileiros que tinham sido formados pelos franceses. Eram os professores Aroldo de Azevedo, Pasquale Petrone, Nice Lecocq Müller, Ari França, Renato Silveira Mendes, Elina de Oliveira Santos, João Pereira Dias, para citar apenas alguns nomes. Todos haviam feito teses sob orientação dos mestres franceses, a maior parte com o Professor Monbeig, como foi o caso da professora Nice Lecocq Muller, por exemplo, cuja Tese de Doutorado "Sítios e sítiantes do Estado de São Paulo" é um trabalho primoroso. O professor Aroldo de Azevedo escreveu "Os subúrbios orientais da cidade de São Paulo", o primeiro estudo urbano da capital paulista feito segundo uma concepção científica da Geografia. O Prof. Ary França elaborou um estudo da Ilha de São Sebastião no litoral de São Paulo, trabalho que, até hoje é referência e o professor Renato Silveira Mendes fez um estudo regional intitulado "Paisagens Culturais da Baixada Fluminense". Todos tínhamos acesso a esses trabalhos. Era uma geografia muito francesa, muito lablacheana, que valorizava as monografias e os estudos regionais e também os trabalhos de campo. Durante o curso fazia-se muita excursão porque o número de alunos era pequeno. A AGB daquela época também realizava pesquisas de campo durante as assembléias anuais, pois as reuniões eram realizadas em cidades menores, não em capitais como hoje em dia. As exceções foram Goiânia, em 1948 e Cuiabá, em 1953, que, embora capitais estaduais, eram cidades de porte modesto. Durante o Encontro da AGB fazia-se um estudo do local onde ocorria a reunião: uma equipe se dedicava ao estudo da cidade, outra, da

área rural, outra, da industrial e depois se elaboram relatórios e eram publicados nos Anais.

Geosul- E qual foi o primeiro encontro que o senhor participou?

Prof.Conti- Foi o de Colatina, no Espírito Santo, em julho de 1957, quando conheci o Prof. Milton Santos. Em 1955, eu já era aluno de Geografia e a AGB foi em Garanhuns, Pernambuco . E era muito longe e eu não pude ir. Em 1956, não houve encontro da ABG porque ocorreu o XVIII Congresso Internacional no Rio de Janeiro, do qual participei na condição de aluno. Mas eu fui, na condição de aluno. Eu me lembro que queria conhecer os professores estrangeiros, aos quais pedia autógrafos, como Pierre Monbeig, Pierre Defontaines, Orlando Ribeiro, Jean Tricart, e outros. Tenho as publicações todas: os Anais e os Guias de Excursão, que hoje são obras raras. O professor Orlando Valverde, um dos homenageados neste Encontro de João Pessoa, foi autor de um dos guias, o do Planalto Meridional, que é um trabalho muito bom. Depois de Colatina, no ano seguinte (1958) foi em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 1959 em Viçosa , Minas Gerais e em 1960, em Mossoró no Rio Grande do Norte. Desse eu não participei porque estava fazendo concurso para ser professor da rede pública. Em 1961, foi Londrina, norte do Paraná e eu estava lá presente expondo meu primeiro trabalho. Em 1962 foi em Penedo, em Alagoas, às margens do São Francisco. Foi aí que eu conheci o Nordeste. De Penedo, por minha conta fui viajar, passando por Recife, João Pessoa, Campina Grande, Patos, Caicó e Natal, para conhecer para conhecer todo o percurso, os leitos secos dos rios e a caatinga Interessava-me muito pelo semi-árido, que, mais tarde se tornaria tema de minha tese de Livre-Docência, título acadêmico que só existe nas Universidades paulistas. Desde a infância fui, particularmente, atraído pela questão da seca. Uma de minhas professoras primárias, na aula de leitura, pediu-me para ler um texto de Viriato Corrêa intitulado “A seca”, capítulo do livro "Contos do Sertão". Descrevia, magistralmente, o semi-árido e eu fiquei impressionado como aquela tragédia da natureza: o gado

morrendo, a população migrando, a vegetação destruída por incêndios. E eu perguntava para a professora: onde é isto? E ela respondia: é no Nordeste, vai da Bahia até o Piauí. Os habitantes dessa região são forçados a imigrar para fugir da fome e da miséria. Essa leitura foi marcante para mim e, muitas décadas depois, nos anos 90 o tema de minha tese de Livre-Docência foi “Desertificação nos Trópicos. Proposta de Metodologia Aplicada ao Nordeste Brasileiro”. O interesse pelo ambiente seco nunca me abandonou. Quando cheguei à Faculdade já havia lido os livros de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e outros, além da monumental obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha.

Geosul- E Josué de Castro?

Prof.Conti- Não caiu nas minhas mãos naquela época, só mais tarde. Mas voltando ao meu tempo na Faculdade de Filosofia, nós fazíamos muito trabalho de campo e obrigatoriamente o trabalho de final de curso, que agora voltou a ser exigido. Em 1957, eu estava no último ano do bacharelado e fiz um estudo urbano sobre a cidade de Atibaia, uma geografia urbana como se fazia naquela época. Apresentei o trabalho, que não teve nota dez. O orientador, professor Aroldo de Azevedo disse que havia algumas falhas e me deu nota oito. Guardei este trabalho e agora eu entreguei para o arquivo de TCC (trabalhos de graduação, que nós chamamos de TGI) da USP para que os alunos de hoje vejam como se fazia geografia naquela época. Minha meta profissional era ser professor da escola pública. Eu tivera aquela professora muito competente eu queria ser igual. Fiz concurso para professor estadual, e exerci, efetivamente o magistério durante cinco anos. Mais tarde fui indicado para ocupar o cargo de geógrafo do antigo Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo, hoje, Instituto Geográfico e Cartográfico. E ali fiquei por três anos. Contudo sempre tive maior interesse pela docência e, em 1964 fui convidado para ser professor da USP. Naquela época não se fazia concurso. Um professor indicava um nome, com base em seu

currículo e era submetido à aprovação do Conselho Departamental. Fui contratado para ser professor de Geografia Física.

Geosul- Por quem?

Prof.Conti- Pela professora Elina de Oliveira Santos. A função chama-se “instrutor”, que era uma espécie de auxiliar de ensino mas já com a incumbência de ministrar disciplinas. Lembro-me que assinei contrato em 20 de março de 1964, dias antes do golpe militar, que produziu toda aquela reviravolta na vida acadêmica. E, embora fosse da Faculdade de Filosofia da USP, uma das mais atingidas pela repressão, para mim não aconteceu nada. Uma porque eu era um simples instrutor, quase desconhecido e, depois, porque eu não tinha nenhuma participação política. Na Faculdade de Filosofia o regime militar cassou oito professores, sendo Fernando Henrique Cardoso um deles. Nessa época fui estimulado a fazer um estágio na França e isso foi muito importante para a minha carreira. Estava interessado em climatologia e fui recomendado ao professor Max Derruau na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Clermont-Ferrand. Pleiteei uma bolsa de estudos pelo governo francês e fui contemplado por um ano letivo, que depois foi prorrogado por mais meio ano seguinte. Assim, fiquei na França por quinze meses e ali cursei disciplinas e realizei uma pesquisa em climatologia sob orientação do professor Max Derruau, na região do Maciço Central Francês. Eu o havia conhecido no Congresso do Rio de Janeiro. Orientou com muito interesse e pude fazer uma pesquisa sobre a precipitação orográfica naquela região montanhosa da França Central. Como havia neve, tive que aprender a trabalhar com esse novo elemento e fazer seus registros. Concluí o trabalho mas não defendi lá como mestrado. Elaborei o texto em francês, apresentei para o professor Derruau e ele fez uma avaliação. Havia sido advertido, antes de sair daqui que, se defendesse o trabalho no Exterior enfrentaria um longo caminho burocrático para obter o reconhecimento aqui e segui a orientação recebida. Aproveitei muito nessa permanência na França: fiz estágio no observatório meteorológico onde aprendi

a interpretar cartas sinópticas e a manusear instrumentos. Quando eu voltei, publiquei o trabalho em português, no Boletim Paulista de Geografia nº 44, de 1967. Nesse mesmo ano iniciei meu doutorado sob orientação do prof. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro; aliás para ser bem exato, quem foi nominalmente meu primeiro orientador foi o prof. Aziz Ab'Saber, mas isso porque o prof. Carlos Augusto não tinha ele próprio terminado seu doutorado. Mas ele foi o orientador de fato, já que, nessa época já era o grande mestre da climatologia. E quando ele terminou o trabalho dele, se tornou meu orientador de fato. A tese consistiu num estudo sobre o efeito orográfico na distribuição da chuva na região da Mantiqueira e da Serra do Mar tendo servido como modelo o trabalho de menores proporções que eu havia feito na França. Depois de aprovado no doutorado comecei a me interessar pelo meio ambiente tropical porque eu sentia que havia uma diferença ambiental muito grande entre o mundo do trópico e o da média latitude. Levei 22 anos sem fazer a tese seguinte, que foi a de Livre-Docência. Foi um tempo enorme porque eu me interessei muito pelo meu trabalho docente. Depois do doutorado passei a ter muitos orientandos e me dedicava pra valer aos meus alunos da graduação e da pós-graduação. Escrevi vários artigos mas uma tese de maior vulto não tinha projeto de começar porque não estava muito preocupado em alçar na carreira acadêmica. O que não é muito bom porém, de certa forma foi positivo porque me dediquei muito aos trabalhos dos alunos. E ao ensino da Geografia. Fiz três livros didáticos para quinta, sexta e sétima séries, em co-autoria com os professores João Antonio Rodrigues e Adyr B. Rodrigues. Mais tarde escreveria um para-didático “Clima e Meio Ambiente” pois sempre achei necessário manter essa ponte entre a geografia da Universidade e a do ensino médio Minha concepção de geografia, naquele tempo, e de certa forma isso permeou toda a minha vida profissional, é que a geografia é justamente isso. É o estudo do homem enquanto habitante do planeta, ou a relação da sociedade com o seu meio, e os arranjos espaciais que derivam desse processo interativo. Daí porque sempre achei que a geografia

é fundamental na escolaridade, na formação do cidadão, uma disciplina central, o das humanidades. Um cidadão não pode ser completo se ele não tiver um bom conhecimento de cultura humanística. É claro que, a hoje, a Geografia em nível superior é muito mais refinada, e é muito bom que tenha chegado a este patamar, porém, deve continuar presente em todos os níveis de escolaridade. Foi por essa época, nos anos 70, que houve aquela reforma do ensino pretendendo abolir a história e a geografia, substituindo-as por uma disciplina mal definida chamada estudos sociais. Nesta época, eu desempenhei um papel, modesto a parte, relevante. Fiz uma campanha para que isto não prosperasse e a fiz, principalmente dentro da AGB. Estimulei os colegas para que fizessem artigos de jornal, escrevessem para o Ministro da Educação, para o Conselho Federal de Educação, para os Conselhos Estaduais de Educação mostrando a importância, não só da Geografia, mas também da História e da Filosofia. Isso durou quase uma década. Fizemos inúmeros documentos, sempre com o aval da Faculdade de Filosofia da USP. Escrevíamos artigos para a imprensa dizendo que isto era uma ameaça para o ensino das humanidades, com estudos comparados para mostrar como era em outros sistemas de ensino e nos países onde isto tinha malogrado. Posso afirmar que realizei um bom trabalho e isto me empolgava mais do que o meu projeto de tese, e me ocupou vários anos. Está tudo documentado. Inclusive na AGB.

Geosul- O senhor que coordenava esta campanha?

Prof.Conti- Eu que coordenava. Eu que sempre fui do tipo meio tímido, nunca fiz política acadêmica, mas não sei porque, nesta época liderei este movimento e a campanha acabou sendo vitoriosa e me senti com o dever cumprido quando a geografia foi assegurada em todos os níveis de escolaridade. Em São Paulo nunca prosperou os Estudos Sociais, em nenhum nível. Talvez por causa desta campanha forte, com o apoio da USP. Só depois disso comecei a me interessar por meu projeto de Livre-Docência, afinal, concluído, com sucesso. Em seguida, fiz o concurso para Professor

Titular, chegando ao topo da carreira. Já completei 43 anos de sala de aula mas ainda não penso em pedir aposentadoria. Gosto do meu trabalho.

Geosul- Na sua trajetória na USP, o convívio com tantos professores, como era a relação entre os professores de geografia física e geografia humana?

Prof.Conti- Havia sempre diferentes orientações e divergências mesmo que todos eles fossem filhos da geografia francesa. O professor Aroldo de Azevedo e alguns outros, veladamente eram acusado de fazer uma geografia muito lablacheana, que embutia idéias políticas conservadoras. Ito desagradava o grupo que defendia uma geografia mais voltada para o social. Era, porém, um movimento muita incipiente naquela época. E ,eu, primeiro como aluno depois como jovem professor ficava sem saber para que lado ia. Embora eu ficasse no lado mais conservador, não tinha nada contra o outro lado. Como que vinha de uma cidade do interior achava as idéias esquerdistas muito avançadas. Um aluno do primeiro ano da história me perguntou: “você não sabe o que é socialismo? O mundo caminha para o socialismo, você não sabe disso?”. Ali havia toda esta política de esquerda e eu convivi com esse meio, mas nunca me empolguei muito, nem para um lado, nem para outro. Jamais participei de movimentos políticos. Muito mais tarde viria a eclodir o movimento da geografia crítica, no final dos anos 70. E aí se estabeleceu uma situação muito conflituosa que foi afetar vida acadêmica, e a participação na AGB. Quando houve o movimento da reforma estatutária da AGB, iniciado em 1978, na Assembléia de Fortaleza, a geografia crítica tinha alcançado uma dimensão bastante significativa e a AGB levantou essa bandeira. Nem todos apoiaram este movimento, que foi vitorioso na época. Eu estava entre aqueles que não apoiaram, mas eu estava em uma minoria. tinha este lado Como fazia parte da diretoria da AGB naquela época, eu e meus colegas de mesa fomos transformados em alvo, porque para eles nós representávamos o passado, oferecíamos resistência à entrada da geografia crítica.

Manifestei, como disse, contrariamente aquele movimento que estava irrompendo muito forte e que realmente tomou o poder no ano seguinte, em 1979. Marcou-se uma assembléia de reforma dos estatutos em São Paulo em julho desse ano e ocorreu o que considerei um acontecimento dramático. Enquanto que a outra parte considerou uma grande vitória, e que até hoje é celebrada, 22 ou 23 anos depois, eu digo que o que houve na assembléia em São Paulo foi um processo muito tumultuado, nenhum respeito às opiniões divergentes e até uma certa truculência. Os estatutos não foram observados e o poder foi tomado por aclamação, num verdadeiro golpe de força. E se estabeleceu um novo modelo de AGB, que é este que está até hoje. Houve, porém, um grupo atingido por essa mudança, e eu estava nele. Fiz, então, um documento escrito dizendo que teria aceito a nova situação se tivesse acontecido dentro dos termos do estatuto e houvessem sido respeitado os direitos dos que tinham uma contrária mas isto não aconteceu. E especifiquei, com detalhes, o que tinha ocorrido na assembléia e, diante disso, pedi a exclusão do meu nome do quadro social da AGB. O meu pedido de demissão foi imediatamente aceito e o meu nome excluído, numa demonstração de que os tempos não eram de diálogo nem de pluralismo de posições e sai do quadro da AGB.

Geosul- Quantos professores acompanharam o senhor? Ou foi um ato isolado?

Prof.Conti- Fazer um documento escrito pedindo exoneração dos quadros da AGB foi um ato isolado meu. Mas a resistência a isto que aconteceu na AGB, contou com outros professores, como o Manoel Corrêa de Andrade, José Ribeiro de Araújo Filho, José Cezar de Magalhães e outros. E então eu me excluí da AGB para grande tristeza minha durante estes anos todos. E ainda não faço parte. Mas acontece que acho que houve um fato histórico neste Encontro de João Pessoa. Fui surpreendido, faltando menos de três semanas para o evento, com a notícia de que eu estava entre os geógrafos homenageados e que eu tinha sido convidado para fazer

parte de uma Mesa Redonda. Eu ignorava isto. Quando o Secretário da AGB de São Paulo foi à minha sala perguntando qual seria a data da ida a João Pessoa para reservar a passagem, respondi que não tinha projeto de ir ao evento. Foi aí que ele me informou que eu ia ser homenageado e eu me surpreendi muito. Depois, na solenidade, eu fiquei bastante comovido. Achei que foi um gesto de grandeza da AGB ter incluído o meu nome para receber a honraria, Considerei uma distinção muito grande, principalmente porque eu tinha este passado conflituoso. A Associação não levou em conta isso e me aceitou com o perfil que construí, ao longo de minha vida e reconhecendo a folha de serviços que, embora modesta, prestei à geografia brasileira. Foi assim que o gesto da AGB que, para mim, ficou histórico. Quando chegar a São Paulo, vou escrever uma carta de agradecimento, já que o cerimonial daquela noite, não nos reservou tempo para agradecer.

Geosul- Com a preocupação de locomoção de certas pessoas, eles nem sequer convidaram para subir no palco. No final a assistência exigiu que os homenageados subissem no palco. O público, que era em grande parte constituído por estudantes que sequer conheciam os homenageados como o Manoel Corrêa, o Orlando Valverde, o Carlos Augusto e outros.

Prof.Conti- Eu acho que eles fizeram desta maneira porque acharam mais conveniente. No final da solenidade pudemos, todos, subir ao palco e receber os aplausos do público.

Geosul- Mas eu acho que a homenagem foi muito pelo seu trabalho acadêmico. E gostaríamos que o senhor falasse um pouco mais sobre sua tese, que embora esteja publicada pela USP, nem sempre é de fácil divulgação. E também um pouco sobre o seu trabalho atual, o que está sendo gestado, que tipo de orientações.

Prof.Conti- Mas só para terminar o assunto que estava falando, quando chegar a São Paulo, vou nesta carta de agradecimento pedir, com muita alegria, o meu reingresso na AGB. Cabe a mim

agora, fazer a minha parte. Aceitar a entidade como ela é. Tudo evolui, tudo vai se transformando. É o momento de se fazer este reencontro. Mas voltando a pergunta, o concurso de professor titular, que fiz logo depois da livre-docência. Neste concurso, na USP, não se exige tese, nem prova escrita. Só uma prova que se chama prova pública oral de erudição. O Departamento elabora uma lista de dez temas, que é publicado no Diário Oficial e o candidato escolhe qualquer um tendo tem seis meses para preparar. Deve, também, apresentar um Memorial documentado para demonstrar a densidade de sua vida acadêmica. O tema que escolhi foi "A geografia física e as relações entre sociedade e natureza no mundo tropical", que seria publicada pela editora da Faculdade, por recomendação da Banca Examinadora e, agora, editada, com algumas modificações, pela Universidade Federal de Santa Catarina em seus Cadernos Geográficos número 4. Hoje eu tenho trabalhado, especialmente com a geografia do mundo tropical. Tenho feito o resgate dos estudiosos como os professores Hilgard O'Reily Sternberg, Antonio Rocha Penteado, tendo este último feito importantes estudos em Angola e na Amazônia, Orlando Valverde que fez e continua fazendo trabalhos sobre a Amazônia o Pantanal e outras regiões e tenho estudado, especialmente, os riscos naturais específicos das áreas tropicais. Tenho artigos sobre os episódios de chuva em São Paulo e no Rio de Janeiro. Estou trabalhando nesta linha. Aos orientandos dou ampla liberdade; eles têm diferentes temas, acho que cabe a eles a escolha. Mas eu fico satisfeito quando eles escolhem um tema nesta linha. No ano passado, fui convidado a participar de um evento, na Universidade de Coimbra, em Portugal, sobre Riscos Naturais, e que teve como participantes professores franceses, espanhóis, portugueses e eu. Apresentei um trabalho sobre os riscos naturais na região intertropical, dando exemplos brasileiros; este trabalho deve ser publicado lá. Na graduação dou a disciplina de Climatologia I, e faço trabalhos de campo com os alunos na Serra do Mar onde se pode apreciar a Mata Atlântica, a encosta úmida e as transformações ali ocorridas pela industrialização, abertura de

auto-estradas e ocupação irregular. Todo o ano levo os alunos para trabalhar não só com a climatologia, mas mais com a questão dos riscos naturais, na zona tropical. Eu nunca deixo de citar para eles o trabalho da Olga Cruz que estudou aquela calamidade natural que ocorreu na Serra do Mar, em Caraguatatuba, em 1967. Foi uma precipitação absolutamente excepcional, 420 mm de chuva, só no dia 18 de março daquele ano. A Prof^a Olga Cruz estudou o fenômeno com muita competência e produziu, a partir dessa análise, sua Tese de Doutorado, que se tornaria uma obra clássica no estudo das encostas úmidas tropicais.

Geosul- Só para aproveitar esta questão, como é o controle dos níveis de chuva nas encostas da Serra do Mar? Tem boas medições? Até que ponto é excepcional 400 mm de chuva, por exemplo. Em Santa Catarina nós temos tido exemplos deste tipo. Na região de Joinville chove muito, e mesmo na Ilha de Santa Catarina aconteceu em 1995 um evento, que em dois dias choveu 422mm. No sul de Santa Catarina, nas encostas da Serra Geral na mesma data, ninguém mediu, e se tivesse como medir, teria descido junto, porque foi uma erosão brutal. Mas os registros dos dados são nas baixadas, nas cidades constituídas, e nas encostas não temos bons dados.

Prof.Conti- Ali naquela região de São Paulo, há dados de uma longa série porque existem as usinas hidroelétricas da antiga LIGHT, que datam dos anos 20, entre São Paulo e Santos. Essas empresas montaram uma rede de pluviômetros na baixada, na média encosta, no alto e também em Caraguatatuba, devido a usina de Itatinga. Mas a sua pergunta é procedente. Há situações que com certeza não ficam registradas. Mas pelos registros que dispomos não temos nada maior do que aconteceu em Caraguatatuba, em termos de precipitação concentrada em 24 horas.

Geosul- E aquele da Serra das Araras?

Prof.Conti- Foi também o mesmo episódio. Aquele de Caraguatatuba foi uma avalanche de terra e pedras que destruiu parte da cidade. Foi uma coisa catástrofe. Pode ter ocorrido algum outro evento pluviométrico excepcional equivalente a este, em pontos próximos da encosta da Serra do Mar mas não temos registros, na área específica de Caraguatatuba.

Geosul- É interessante, porque em Santa Catarina as encostas da Serra Geral que chegam aos 1400 metros a cerca de 50 km do mar, o sopé da escarpa é inteiramente constituído por leques aluviais, com seixos e blocos que vieram do processo de erosão da encosta, inteiramente ligados a estes eventos que a gente chama de excepcionais, mas que é atuante há muito tempo naquela região e que não se explica de jeito nenhum pelos registros que dispomos. Tem uma estação em Urussanga, há 70 anos, e a média anual é de 1500 mm. Em cima da serra, em São José dos Ausentes, é só 1200mm.

Prof.Conti- É muito oportuna esta sua observação, porque a chuva convectiva, é geralmente localizada, e em sendo localizada, pode escapar do controle da rede de pluviômetros. Então pode sim ter, ocorrido episódios semelhantes aquele, nos anos que o antecederam, ou em algum local onde não foi captado pela medição.

Geosul- Seus interesses são sempre nas relações sociedade e natureza no mundo tropical?

Prof.Conti- Também trabalho com o chamado trópico alto. Orientei uma tese na região da Mantiqueira, nas terras altas de Minas Gerais, que apresentam, dentro do mundo tropical, características muito singulares. Há até registros de ocorrência de neve nessa região de relevo expressivo. E isto é rico, porque pode ser feito o confronto entre as baixadas litorâneas tropicais e o trópico alto, analisando suas diferenças e similitudes. Meu centro de interesse, no momento, é o estudo dos riscos naturais e da

dinâmica do meio ambiente tropical. Estou orientando teses nessa linha, se bem que minha vida profissional já esteja, digamos assim, na reta de chegada.

Geosul- Mas temos vários exemplos de pessoas que tiveram que se aposentar, mas que profissionalmente continuaram. É um desafio que temos que enfrentar. Como o professor Carlos Augusto fala: estou me despedindo igual ao Silvio Caldas.

Prof.Conti- Falando em Carlos Augusto, gostaria de dizer que cada vez mais defendo uma geografia indiferenciada, que não seja nem humana, nem física. Neste ponto, eu sigo muito a escola do Prof. Carlos Augusto, que sempre praticou uma geografia integradora, na linha do que chamamos de ‘fisiologia da paisagem’, contemplando tanto a geografia da natureza como a da sociedade.

Geosul- Os que trabalham assim, são geralmente mais ligados à geografia física?

Prof.Conti- Não necessariamente. Os exemplos que me vêm são sempre os antigos, o que mostra que isto não é uma coisa recente. Lembraria o Professor Ari França, que era catedrático em geografia humana, mas a sua tese de doutorado foi sobre a Ilha de São Sebastião, um estudo regional contemplando tanto a natureza quanto a ocupação humana. Havia sido discípulo de Max Sorre, durante sua estada em Paris no final dos anos 40 e era um pesquisador preocupado com a geografia no seu sentido pleno. Citaria, ainda, Pasquale Petrone, um estudioso do fenômeno da colonização, mas sem descuidar do quadro físico. Estou resgatando os de São Paulo mas muitos outros poderiam ser apontados por esse Brasil afora. Hoje a geografia tem novas especialidades, como a geografia da percepção, do turismo, a geografia cultural, e outras. É preciso, porém, evitar uma excessiva atomização e procurar, sempre, recompor aquela antiga (no bom sentido) geografia mais ampla, com visão de conjunto, como preconizava Humboldt.

Geosul- O Professor Armen por exemplo vem falando de juntar a proposta geossistêmica com a formação sócio-espacial. Não sei se já está acontecendo de fato, ou ainda está só nas intenções...

Prof.Conti- A proposta geossistêmica veio recompor esta visão integradora do espaço. O Tricart lançou a idéia da ecogeografia e da ecodinâmica. E eu sou muito nesta linha: uma geografia geral, uma visão holística, e facilitada hoje com imagens de satélite, com o sistema de informação geográfica, o geoprocessamento. É interessante que se volte a uma geografia mais humboldtiana, porque é isto que faz a singularidade da geografia, permitir a visão do todo mas de uma forma relacional, fundamentada em teorias que os geógrafos desenvolveram ao longo dos tempos.

Geosul- E qual seria a mensagem que o senhor deixaria para os geógrafos que estão começando?

Prof.Conti- Em primeiro lugar eu os parabeno pela escolha que fizeram. E que estudem, muito, porque é desta forma que se oferece uma contribuição realmente relevante e assim possam ser competentes para produzir trabalhos com adequação metodológica e rigor conceitual. E isto só pode acontecer se houver dedicação e empenho.

Geosul- A gente agradece muitíssimo a sua disposição para esta entrevista.